

■ A VIDA ■  
NO TEMPO  
da Corte

## O RIO DE JANEIRO, CAPITAL DO REINO

 **Atual**  
Editora



■ A VIDA ■  
NO TEMPO  
da Corte

# O RIO DE JANEIRO, CAPITAL DO REINO

**Ilmar Rohloff de Mattos**  
**Luis Affonso Seigneur de Albuquerque**  
**Selma Rinaldi de Mattos**

*Coordenação:*  
Marly Rodrigues  
Maria Helena Simões Paes

12ª EDIÇÃO

Conforme a nova ortografia

 **Atual**  
Editora

# Biografia



Nascemos na cidade do Rio de Janeiro, em momentos diversos.

Ali crescemos, brincando nos jardins e quintais das casas de nossos pais e avós, localizados em bairros diferentes. Deles, ouvimos muitas vezes histórias sobre a

cidade que fora sede do Vice-Reino, capital do Reino, Corte imperial e Capital Federal. Descobrimos, então, que a cidade onde vivíamos possuía a vocação de ser sempre maravilhosa.

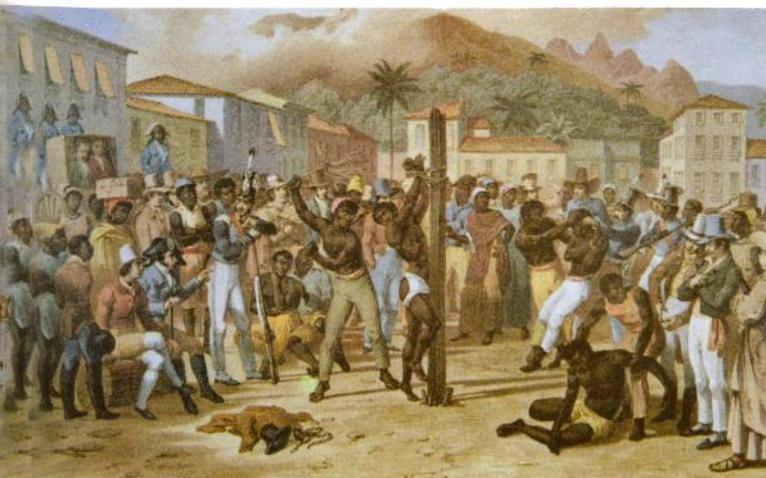
No Rio de Janeiro também estudamos e nos formamos. Em determinado momento de nossas vidas, Ilmar foi professor de Selma, enquanto Luis Affonso foi aluno de ambos. Mas, pela vida afora, temos aprendido muito uns com os outros. E assim também nos tornamos historiadores, isto é, pesquisadores e professores de História.

Hoje, em resposta a um convite, decidimos narrar para você uma das histórias que sempre ouvimos. Mas a partir do nosso ponto de vista: expressão das experiências e desafios de nosso tempo. Uma narrativa que é também um convite para uma descoberta: a descoberta da cidade que a tantos emociona e que, apesar de todos os problemas que distinguem uma metrópole no final do século XX, continua a receber de braços abertos todos aqueles que transpõem suas “portas”.



# SUMÁRIO

---



**Introdução: A cidade e suas portas** ----- 6

**1. Chegadas** ----- 10

O desembarque ----- 11

Coisas & caras novas ----- 12

Atração e medo ----- 13

**2. “Ponha-se na rua!”** ----- 14

Sobrados e casas ----- 14

Os escravos domésticos ----- 17

Negros de ganho e negros de aluguel --- 18

**3. Um novo império** ----- 21

Secos & molhados ----- 22

Os “amigos do rei” ----- 24

**4. A rua** ----- 26

Temores ----- 29

**5. Igrejas, festas e educação** ----- 30

O entrudo ----- 32

A educação ----- 33

**6. A capital do Reino Unido** ----- 34

A missão artística ----- 35

Um rei no Rio ----- 35

Mudanças e permanências ----- 36

**Conclusão: Abrindo novas portas** ----- 38

## Apêndice

Cronologia ----- 40

Para saber mais ----- 41

Bibliografia ----- 42

Fontes das ilustrações ----- 43

# INTRODUÇÃO:

## A CIDADE E SUAS PORTAS

---

**E**m todos os tempos, as cidades têm exercido uma forte atração sobre os homens. Paris, Nova York, Rio de Janeiro, Londres, São Paulo, Buenos Aires, Madri, Moscou e muitas outras metrópoles despertam a nossa curiosidade, hoje.

Atenas, Babilônia, Tebas, Cartago, Esparta, Roma, Sidon, Gênova, Toledo, Antuérpia, Veneza, e muitas outras cidades maravilhavam os homens, em tempos passados.

Cercadas por muralhas, as cidades de muito antigamente abriam suas pesadas portas apenas durante o dia, deixando que por elas passassem os forasteiros vindos de áreas próximas ou de regiões longínquas.

As cidades do mundo em que vivemos não são cercadas por muralhas. Suas “portas” são as estações rodoviárias e ferroviárias, os portos e aeroportos, por onde passam diariamente milhares de pessoas: turistas — com seus rostos alegres e máquinas fotográficas; homens de negócios — com suas fisionomias sérias e malas escuras; migrantes — com suas caras cansadas, malas encardidas e corações cheios de esperança e temor.

Qual a principal “porta” da cidade em que você mora? De onde vem a maior parte das pessoas que por ela passam? Qual a expressão do rosto dessas pessoas?

No início do século XIX — há quase duzentos anos! —, o Rio de Janeiro era uma das mais importantes cidades surgidas no território colonizado pelos portugueses na América. Ela era a sede do Vice-Reino do Brasil — nome dado, então, à colônia portuguesa no Novo Mundo.

Espremida entre morros, pântanos, lagunas e florestas, a cidade do Rio de Janeiro não era muito diferente das demais cidades e vilas erguidas pelos portugueses, como pontos de partida para a atividade colonizadora.

Ela continuava a crescer de modo desordenado, sem obedecer a um plano prévio.

Muitos de seus moradores a achavam feia; diziam que suas ruelas e becos eram sujos e malcheirosos. Não possuía muralhas para a proteção dos seus sempre amedrontados 50 mil habitantes (se nós os reuníssemos hoje, ocupariam apenas a metade dos lugares do Estádio do Maracanã!).

Naquela época, os moradores da cidade do Rio de Janeiro tinham a atenção permanentemente dividida entre as duas “portas” da cidade.

Uma delas abria-se para o “sertão”, isto é, para o interior do território. Por ela entravam na cidade os metais preciosos da região das Minas, produtos agrícolas cultivados nas áreas vizinhas e sobretudo histórias — muitas histórias — que alimentavam a curiosidade e o medo dos habitantes da cidade pelo “sertão”. O que será que saía da cidade por aquela “porta”?

A outra “porta” abria-se para o mundo exterior: era o porto. Nele haviam atracado, em 1805, mais de 500 embarcações, entre galeras, bergantins e sumacas. Elas traziam escravos africanos, panos ingleses, tecidos de Goa, farinha de Santa Catarina, charque do Rio Grande, açúcar de Campos, notícias do Reino, entre muitas outras coisas. E levavam açúcar, aguardente, metais e pedras preciosas, além das reclamações e lamúrias dos moradores da cidade e da colônia.



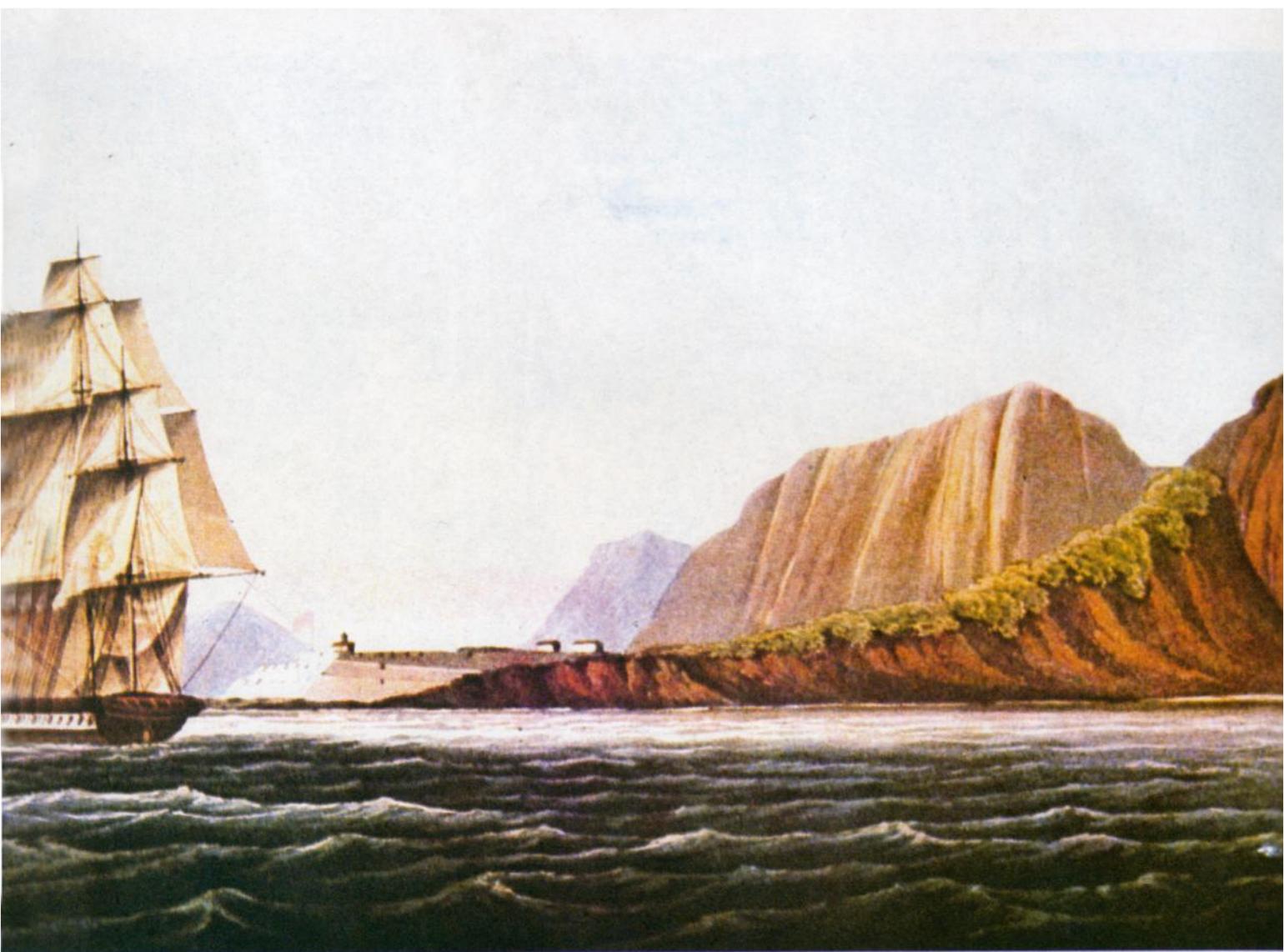
*Novo caminho para as Minas, aberto no século XVIII, obra do austríaco Thomas Ender, que chegou ao Rio de Janeiro em 1817, na comitiva da princesa Leopoldina, retornando à Europa em 1818.*

No início do ano de 1808, uma notícia diferente entrou pelo porto e rapidamente circulou de boca em boca, provocando grande rebuliço: “A família real portuguesa está vindo para o Rio de Janeiro!”.

O livro que você está começando a ler pretende mostrar como esse acontecimento inusitado transformou a cidade do Rio de Janeiro, tornando-a diferente das demais cidades coloniais portuguesas na América. E, desse modo, mostrar também como mudou a vida cotidiana de muitos dos que a habitavam, embora para outros tudo tenha permanecido como antes. Ele pretende mostrar ainda como,

desde então, a cidade do Rio de Janeiro passou a exercer uma forte atração sobre os habitantes de outras partes da colônia e mesmo de outras regiões da América. E, por fim, como, desde a instalação da família real no Rio de Janeiro, as atenções, maneiras de pensar, agir e sentir de seus moradores passaram a ficar divididas, de modo ainda mais marcante, entre as duas “portas” da cidade.

Mas, caso você queira compreender tudo isso, e assim conhecer como era *O Rio de Janeiro, capital do Reino*, é bom se apressar. Porque a família real portuguesa já está chegando.



*Fortaleza de Santa Cruz, localizada na entrada da baía de Guanabara. Quadro de Henry Chamberlain, que esteve no Brasil entre 1815 e 1822, acompanhando seu pai diplomata. Ao regressar à Inglaterra, publicou o álbum Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro.*

# Planta da cidade do Rio de Janeiro em 1812



Locais citados neste livro: 1 — Largo do Paço; 2 — Rua do Piolho; 3 — Rua de Mata Cavalos; 4 — Aqüeduto da Carioca; 5 — Rua Direita; 6 — Rua do Valongo; 7 — Largo do Rocio; e 8 — Campo de Santana.

---

**Por aquela porta,  
agora  
permanentemente  
aberta, não cessariam  
de entrar coisas e  
pessoas.**

---

**E**ra uma tarde de verão. Apesar do sol ainda escaldante de março, um grande número de pessoas se aglomerava no cais, numa agitação motivada pelos navios que, no dia anterior — 7 de março de 1808 —, haviam entrado na baía de Guanabara e ali permaneciam ancorados, guardando uma das mais preciosas cargas já chegadas ao Rio de Janeiro.

Enquanto alguns já começavam a achar que o desembarque estava demorando além da conta, outros comentavam sobre como seria o príncipe regente Dom João; como estaria passando a rainha Dona Maria I, a Louca; quantos baús e arcas trariam todos aqueles que acompanhavam a família real; onde estariam os ingleses que tinham escoltado a esquadra... Ansiedade, expectativa e curiosidade marcavam as falas e gestos dos que ali se encontravam, muitos dos quais trajando suas melhores roupas.

Sentimentos, emoções e comportamentos que contrastavam vivamente com os de outros súditos que, havia três meses, no outro lado do oceano Atlântico, tinham assistido, desolados, apreensivos e temerosos, à apressada partida da Corte portuguesa para o Brasil.

Naqueles dias de fins de novembro não havia tempo a perder. Dizia-se por todos os cantos de Lisboa que Napoleão Bonaparte havia se cansado das indecisões de Dom João, que hesitava em aderir ao Bloqueio Continental, por meio do qual o imperador dos franceses esperava enfraquecer econômica e militarmente seu principal adversário — a Inglaterra. Dizia-se também que o frágil e decadente Reino português não podia voltar as costas ao poderoso Império Britânico, de quem dependia econômica, financeira, política, diplomática e militarmente. Dizia-se ainda — o que estava causando pânico em quase todos — que as tropas napoleônicas já tinham cruzado a fronteira portuguesa, aproximando-se rapidamente de Lisboa.

Acuada entre as armas francesas e os canhões da esquadra inglesa, que ameaçavam bombardear os navios portugueses para impedir que caíssem em poder de Napoleão, a família real decidiu fugir para a colônia americana. E foi acompanhada por mais de 10 mil fidalgos que embarcaram com seus familiares, objetos pessoais, joias, pratarias, porcelanas e muito medo. Naquele momento, muitos pensavam em não mais retornar a Portugal, acreditando ter chegado a hora de